



Cidades mortas: aspectos da memória no texto prefacial

Caroline de Moraes¹ e Flávia Brocchetto Ramos^{2*}

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Farroupilha, Rio Grande do Sul, Brasil. ²Programa de Pós-graduação em Educação e Letras, Universidade de Caxias do Sul, Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, 95070-560, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: ramos.fb@gmail.com

RESUMO. Este estudo articula o texto literário e a memória por meio da análise do paratexto prefacial da obra *Cidades mortas*, de Monteiro Lobato. Nesse sentido, o corpus de pesquisa está centrado no prefácio 'Farpas luminosas', assinado por Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta. Com base nesse texto de abertura, tem-se como objetivo examinar o prefácio da obra *Cidades mortas*, associando o paratexto com a perspectiva de memória, ao reconhecê-lo como possibilidade de significação de memória coletiva do país na decadência da cultura cafeeira vivida pelo autor e retratada nos contos da antologia. A metodologia segue a abordagem qualitativa e a pesquisa bibliográfica, e o material literário é examinado com embasamento teórico de Genette, Le Goff e Halbwachs. Como resultados, salienta-se que o texto literário pode ser considerado uma ferramenta de aproximação entre o leitor e os conhecimentos permeados em sua memória.

Palavras-chave: prefácio; paratexto; Monteiro Lobato; narrativa.

Cidades mortas: between preface and memory

ABSTRACT. This article analyses the literary text and the memory through the preface of the book *Cidades mortas*, by Monteiro Lobato. Thus, the research corpus is centered on the preface 'Farpas luminosas', written by Marcia Camargos and Vladimir Sacchetta. Based in the opening text, the objective is to examine the preface of the book *Cidades mortas*, linking the paratext with the memory perspective. It is possible to recognize the opening text as a possibility of signification of the collective memory in the period of the coffee culture decadence in the country. This historical context was lived by the author and portrayed in the anthology's tales. The methodology is based on the qualitative approach and on the bibliographical research. The literary text is analyzed from the studies of Genette, Le Goff and Halbwachs. As a result, it is emphasized that the literary text can be considered a tool to bring the reader closer to the knowledge permeated in his own memory.

Keywords: foreword; paratext; Monteiro Lobato; narrative.

Received on February 13, 2023.

Accepted on June 20, 2023.

Introdução¹

O texto literário carrega inúmeras possibilidades de análises, interpretações e leituras, tendo em vista a sua característica polissêmica. As obras literárias representam na visão aristotélica ações humanas possíveis, abrangendo assim momentos vividos em sociedade, considerando aspectos culturais, políticos e econômicos. Nesse âmbito, a literatura, por meio da linguagem polissêmica, recria a realidade e ao recriá-la pode valer-se de cenas ambientadas em contextos históricos específicos.

Como forma de expressar a obra literária e as condições de memória, elege-se o paratexto prefacial para associar essas duas vertentes, sendo uma abordagem que traz luz ao texto de apresentação da obra literária. Desse modo, o presente estudo tem como objetivo principal examinar o texto prefacial da antologia *Cidades mortas*, de Monteiro Lobato (2007), associando o paratexto à perspectiva de memória, ao reconhecer o texto de abertura da obra literária como uma possibilidade de resgate de memórias coletivas do Brasil na decadência da cultura cafeeira vivenciada pelo autor e retratada nos contos. Para atingir o objetivo proposto, entende-se a importância da memória social e cultural brasileira da época em que o Vale do Paraíba sofria com a decadência econômica justificada pela queda da produção cafeeira. Além disso, prestigia-se o texto de apresentação do livro, que é produzido por especialistas.

¹ Pesquisa realizada com apoio do CNPq, bolsa Pq, e da CAPES, Bolsa de doutorado.

José Bento Monteiro Lobato é um autor reconhecido da Literatura Brasileira, tendo em vista sua efetiva contribuição na literatura infantil e seu destaque nas caracterizações da literatura regionalista. Nasceu em Taubaté, interior do estado de São Paulo, em 18 de abril de 1882, data em que hoje se comemora o Dia Nacional do Livro Infantil. No ano de 2022, comemoraram-se os 140 anos de nascimento do autor, com estudos envolvendo suas obras literárias e sua relevância para a história da literatura e do segmento editorial no Brasil.

A obra escolhida para análise deste estudo é uma antologia formada por diferentes contos, ainda escritos no momento em que o autor era estudante. *Cidades mortas*, um dos títulos mais expressivos do escritor, tem a primeira publicação datada em 1919 pela Revista Brasil, entretanto, nas edições posteriores novos textos foram acrescentados. Os contos trazem situações regionalistas contextualizadas no interior de São Paulo, construindo críticas aos valores sociais e aos aspectos comportamentais das personagens, voltados à família, ao serviço público, ao sistema agrícola e a outras temáticas. As situações representadas, encharcadas pela memória, estão ameaçadas de esquecimento e carecem, portanto, de criação de lugares para guardá-las e preservá-las de serem esquecidas (Klug, Lima, & Lebedeff, 2015) e a literatura é uma dessas possibilidades.

No geral, as obras literárias são constituídas por elementos paratextuais que circundam o texto principal, com informações de diferentes aspectos de modo a enriquecer o material. São exemplos de paratextos o prefácio, contracapa, orelhas, dados dos autores, lista de outras obras, posfácio, entre outros. Para o presente estudo, a atenção está centralizada em um paratexto, o texto prefacial como ferramenta de análise, reconhecendo-o como recurso para explorar e divulgar a memória coletiva, promovendo a própria obra literária, principalmente, quando se trata de uma antologia que traz a reunião de diversos contos. Também conhecido como apresentação ou introdução entre outros, antecede, por exemplo, uma narrativa. Mesmo tratando-se de elemento não obrigatório, “[...] sua presença pode ser um diferencial para a leitura, uma vez que ambienta o interlocutor” (Morais & Ramos, 2018, p. 105).

O texto prefacial de *Cidades mortas* é investigado pelo viés da memória, observando elementos e situações escolhidas pelos prefaciadores para serem atualizadas ao leitor. Além disso, as informações expostas no prefácio retomam a memória do autor Monteiro Lobato, relacionando-a ao cenário cafeeiro. O texto de abertura do livro promove o escritor e valoriza o conjunto da obra literária, considerando que a memória individual do autor e dos prefaciadores pode ser encontrada no texto prefacial com a perspectiva de alcançar a memória coletiva, que talvez seja a mesma dos leitores, significando o texto prefacial. A obra literária, entretanto, não só representa contextos e situações socioculturais, mas também possibilita ao leitor uma fruição estética, desenvolvendo a apreciação das construções literárias em distintos períodos e condições de escrita.

Este artigo está construído em torno de dois percursos. O primeiro traz o referencial teórico, iniciando com Genette (2009) e Collaro (2000), para aprofundar o conhecimento sobre paratexto e texto prefacial, fechando com orientações de Le Goff (1996) e Halbwachs (2013) para tratar da memória individual e coletiva. Essa construção conta com aspectos presentes nos contos de Monteiro Lobato. Em seguida, o segundo ponto versa sobre a análise e a discussão acerca do potencial do texto prefacial como forma de valorizar a memória coletiva e a contribuição desse paratexto de abertura para a composição do objeto livro. Nessa discussão são basilares os fragmentos dos contos da obra antológica e de elementos do texto prefacial, fundamentando a argumentação do paratexto.

Prefácio: espaço para a memória

O livro literário privilegia a polissemia da linguagem verbal. Assim, a leitura não se encerra ao finalizar a obra literária, tendo em vista que as situações representadas nas narrativas são rememoradas pelo leitor, e, em algumas vezes, ficam marcadas para o restante da vida. Nesse sentido, entende-se que os materiais literários, considerando a preparação e a articulação com os elementos paratextuais, interagem com o público leitor e possibilitam relações com o mundo externo e interno.

Os paratextos estão presentes em livros, sejam literários, didáticos ou manuais acadêmicos. Esses elementos circundam o texto central, trazendo informações diversas, como indicação de outros livros do mesmo autor, biografia dos autores, texto de apresentação, contracapa e orelhas. Entende-se que os paratextos singularizam a composição das obras, enfatizando informações julgadas relevantes para ampliar e contribuir com a interpretação dos leitores. Dessa forma, as construções paratextuais evidenciam e revelam os principais dados de cada edição e, conseqüentemente, de suas narrativas. Essas possibilidades de leitura permeadas pelo livro impresso são identificadas por Chartier (2022, p. 10), considerando que “[...] O formato dos livros ou folhetos é uma realidade essencial da cultura escrita antes mesmo da invenção da imprensa”.

Para o autor, esses elementos que acompanham o livro na dimensão material, trazem formas diferenciadas de introduzir e mobilizar a leitura.

De modo geral, Genette (2009) exhibe uma definição para paratexto:

[...] aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores e de maneira mais geral ao público. Mais do que um limite ou uma fronteira estanque, trata-se aqui de um 'limiar', ou – expressão de Borges ao falar de um prefácio – de um 'vestíbulo', que oferece a cada um a possibilidade de entrar, ou de retroceder. [...] (Genette, 2009, p. 9-10, grifo do autor).

A partir do exposto, compreende-se que os paratextos envolvem o texto principal da obra, contribuindo para que o leitor se sinta mais próximo do contexto expresso pelo livro. As manifestações extras exibidas no material são consideradas paratextos. Uma das funções dos paratextos é informar o leitor sobre situações e circunstâncias veiculadas na obra. Desse modo, compreende-se que a leitura das construções paratextuais amplia o conhecimento do leitor acerca das temáticas, uma vez que, se não tivessem os paratextos, a leitura seria outra, possivelmente mais básica e simplificada (Genette, 2009).

No texto prefacial da antologia *Cidades mortas*, os prefaciadores retomam situações permeadas pelos contos da obra, dando ênfase para dois contos: 'Cidades mortas' (que divide o título com a própria obra) e 'O luzeiro agrícola'. Esses dois contos têm parte da narrativa retratada no texto prefacial, servindo de *spoiler* para o leitor, preparando-o para a temática recorrente nas histórias de Monteiro Lobato. Nesse sentido, os prefaciadores emitem prestígio para os dois contos aludidos, favorecendo a divulgação do livro. Historicamente, os gregos ajudam no entendimento de que o livro não é apenas "[...] um instrumento destinado à fixação e à conservação do texto, mas também um suporte da leitura. [...]" (Horellou-Falarge & Segré, 2010, p. 22).

O paratexto prefacial geralmente é o texto de abertura das obras, também considerado o texto de introdução ou de apresentação. O prefácio e o posfácio são articulados de forma conjunta, sendo que o primeiro faz a abertura da obra e o segundo faz o encerramento. Genette (2009, p. 145, grifo do autor) utiliza parassinônimos para identificá-los: "[...] 'introdução, prefácio, nota, notícia, aviso, apresentação, exame, preâmbulo, advertência, prelúdio, discurso preliminar, exórdio, proêmio' – e, para o posfácio: 'epílogo, pós-escrito, remate, fecho' e outros. [...]"

O prefácio é ferramenta de estudo relevante por trazer as informações iniciais da obra e situar o leitor diante do material a ser explorado. O texto prefacial faz o primeiro contato com o leitor, antes de imergir na obra literária, por isso, esse texto de abertura carrega amplas possibilidades de investigação e serve como um fator de aproximação com o texto literário. O prefácio é entendido como um "[...] comentário sobre a obra, escrito por um convidado do autor ou da editora. [...]" (Collaro, 2000, p. 140).

O texto de abertura pode ser construído com título próprio e ser assinado por uma pessoa convidada pelo autor ou pela editora. Desse modo, geralmente, traz o ponto de vista de um leitor ou um estudioso conceituado pela área da obra em análise. Em contrapartida, em alguns casos, esse paratexto pode não ser assinado ou não trazer o nome de quem é o autor, deixando o leitor sem essa informação. Segundo Genette (2009, p. 145), o prefácio é definido como "[...] toda espécie de texto liminar (preliminar ou pós-liminar), autoral ou alógrafo, que consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede. [...]". Diante disso, compreende-se que o texto prefacial deve ser observado sob o conteúdo e as informações que estão apresentadas, de forma a relacionar com o conjunto da obra.

O prefácio não é elemento considerado obrigatório nas obras literárias, registrando existência a partir do século XVI. Inicialmente, a função principal era fazer a abertura dos textos, utilizando apenas as primeiras linhas da obra. De modo equivalente, o mesmo procedimento também ocorria nos teatros, com uma fala inicial de apresentação da peça (Genette, 2009). Nesse sentido, salienta-se que o prefácio e o texto central estão relacionados, sendo que o paratexto tem conhecimento integral do material que está introduzindo. Acrescenta-se que o prefácio possibilita observar a articulação dos processos de produção, de publicação e de recepção de obras literárias (Cecchin & Arendt, 2016).

No que se refere aos prefaciadores, entende-se a relevância das obras que são contempladas com os elementos paratextuais. Baseado no circuito das comunicações de Darnton (1990), permeando a história do livro e do leitor, em que se estabelece um ciclo de produção e de organização da obra literária, Moraes (2020), em seu doutoramento, acrescenta um espaço para a obra literária, identificando a relevância dos paratextos, reconhecendo-os como integrantes da construção do objeto livro. Nessa perspectiva, os elementos paratextuais também dizem sobre o livro e a sua composição, pois trazem informações direcionadas ao público leitor.

Na análise da obra de Monteiro Lobato, observa-se o texto prefacial pelo viés da memória, reconhecendo que o texto literário carrega em sua essência aspectos permeados por situações coletivas, em que cidadãos se mobilizam em comunidade em prol de condições adversas envolvendo grupos. Dessa forma, a memória tem caráter plural, permitindo investigações e renovações de conhecimento, de modo a associar com características evidentes no entorno da sociedade. Além disso, a característica dialógica está amplamente contemplada pelas constatações da memória, seja privada ou coletiva. Para Le Goff (1996), a memória admite o cruzamento entre as considerações do âmbito individual e do coletivo, favorecendo o reconhecimento do leitor, enquanto ser social e ativo, que guarda informações no decorrer de sua vivência. Nessa circunstância, a memória pessoal amplia-se e é entrelaçada ao contexto coletivo, colocando em evidência cenários que atingem grupos de cidadãos para além da vida privada, por sua vez, tornando-se um registro que envolve condições de lutas e de desenvolvimento.

A memória coletiva e histórica pode ser aplicada aos documentos e aos monumentos. Nesse caso, o texto prefacial é um espaço adequado para registrar a memória, como suporte e concepção de diferentes circunstâncias sociais e culturais, permitindo inferências e associações entre o texto literário e contexto sociocultural (Le Goff, 1996). O leitor é o elemento responsável por fazer a relação entre os registros históricos e as leituras literárias. Com isso, Memória e Literatura podem estar concatenadas, perpassando pelo conhecimento prévio de um leitor, “[...] a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1996, p. 423).

A memória coletiva é vista como instrumento de privilégio e de manipulação, sendo ferramenta importante para as sociedades históricas. Nessa perspectiva, não só a memória, mas também o esquecimento, tornam-se atributos relevantes para a sociedade que busca lutar por seus grupos ou classes. Essa relação entre a memória coletiva e o desenvolvimento da sociedade é retratada por Le Goff (1996, p. 475): “A memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. [...]”. Assim, a memória coletiva ultrapassa barreiras sociais, políticas, econômicas, culturais, educacionais, remetendo ao poder de enfrentar situações adversas marcadas na História.

Em vista do exposto, a memória coletiva pode ser reconhecida nos textos literários, entendendo a Literatura como fonte de polissemia e significação de momentos expressivos no contexto retratado. Desse modo, História e Literatura articulam ficção e realidade para fomentar a discussão de vivências possibilitadas pelo âmbito social. No caso do livro de Monteiro Lobato, o paratexto prefacial fundamenta-se em alguns contos para retomar situações pertencentes à sociedade. Tem-se como exemplo as cidades que ficam abandonadas em razão da decadência da cultura cafeeira e do desperdício do dinheiro público com burocracias, essas duas conjecturas podem ser identificadas na memória de um leitor com conhecimento histórico e social.

Nessa perspectiva, os aspectos literários, as características de escrita, o uso das figuras de linguagem, como a comparação e a ironia, presentes na formação da obra literária geram imagens que são aproximadas da memória do leitor. Essas configurações podem ser observadas pelo esvaziamento da cidade no conto ‘Cidades mortas’:

[...] No campo não é menor a desolação. Léguas a fio se sucedem de murraria áspera, onde reinam soberanos a saúva e seus aliados, o sapé e a samambaia. Por ela passou o Café, como um Átila. Toda a seiva foi bebida e, sob forma de grão, ensacada e mandada para fora. Mas do ouro que veio em troca nem uma onça permaneceu ali, empregada em restaurar o torrão. [...] (Lobato, 2007, p. 23).

Dessa forma, o jogo de palavras permitido pela Literatura articula o imaginário, a verossimilhança, o aspecto dialógico, os conhecimentos, as condições históricas, entre outros elementos, com as perspectivas advindas da memória. Por conseguinte, o paratexto prefacial da obra de Monteiro Lobato favorece essa identificação histórica, ultrapassando o viés ficcional, por meio do avanço da escrita, das culturas, das experiências e dos enfrentamentos sociais.

A memória tem espaço na vida das pessoas em diversas esferas e com inúmeros propósitos, partindo do individual para encontrar o coletivo. Essa concepção é uma das alternativas para examinar a memória por intermédio da leitura de obras literárias. Costa, Rodrigues e Nascimento (2020) reconhecem a memória como uma retomada de lembranças, ponderada pelas situações vividas no presente:

[...] a memória é um conhecimento do passado que é guiado pelo presente, é uma espécie de saber que bebe nas fontes das lembranças individuais de cada sujeito, mas também de jogos de poderes e interesses, que não necessariamente passam por uma pesquisa e pela crítica das fontes (Costa et al., 2020, p. 67).

Os contos produzidos por Monteiro Lobato registram experiências e situações em que o autor estava em convívio ou acompanhando o desenrolar. Essas narrativas são permeadas pela História, gerando críticas e inquietações, com base na decadência de um povo, assim, tem-se personagens associados a problemas sociais. Como ilustração, o conto ‘Café! Café!’ potencializa essa representação da voz dos que sofrem com os obstáculos advindos da decadência e da desvalorização do café:

[...] Mas os preços, os preços! Uma infâmia! Café a 6 mil-réis, onde se viu isso? E ele que anos atrás vendera-o a 30! E este governo, santo Deus, que não protege a lavoura, que não cria bancos regionais, que não obriga o estrangeiro a pagar o precioso grão a peso de ouro! (Lobato, 2007, p. 171).

Com base no exposto, a memória é percebida entre o passado e o presente de experiências e lembranças. De modo semelhante, as memórias individual e coletiva podem estar associadas. Cada uma das memórias individuais registra um ponto de vista acerca de uma memória coletiva, logo, as lembranças estão relacionadas com estruturas sociais e coletivas. Nesse sentido, a memória coletiva está envolvida pelas diferentes memórias individuais, mas essas memórias não são confundidas (Halbwachs, 2013).

Ao considerar o gênero memórias, é relevante apoiar-se nos conhecimentos do indivíduo que, na contemporaneidade, tem a necessidade de retratar suas vivências e marcar seu posicionamento por meio das mensagens virtuais. Textualmente Halbwachs (2013, p. 39) afirma:

[...] para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum.

Essa interação entre memórias individuais fortalece a memória coletiva, sendo que, a partir desse contato, o indivíduo pode buscar novas informações, complementando o que já é de seu conhecimento. A ação de retomar algo do passado não é fácil, pois traz lembranças únicas, de apenas um ponto de vista, por isso, a própria memória é entendida como limitada, por ser parcial. Nesse âmbito, a memória individual é produzida solitariamente, entretanto, torna-se qualificada ou com mais informações, no momento em que se identifica em memória coletiva (Halbwachs, 2013).

Aspectos da memória coletiva podem estar presentes em diferentes ferramentas ou recursos, como os livros e os elementos paratextuais que os cercam, “[...] os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto” (Halbwachs, 2013, p. 79). Nesse caso, é relevante partir da leitura e buscar mais informações, sendo os livros um início de conhecimento de diferentes situações. Assim, as obras literárias podem ser consideradas fontes de construção de memória, ao trazer circunstâncias sociais, culturais, políticas e econômicas, possibilitando ao leitor diversas reflexões.

Presença da memória no prefácio de *Cidades mortas*

O livro literário carrega em sua estrutura textos e informações que podem auxiliar a leitura, nesse conjunto está presente o paratexto prefacial, que faz a apresentação do texto principal embora, em alguns momentos, não lhe é dada a devida atenção. Além dos elementos que circundam a história central, o livro literário é contemplado pela seleção de tramas e acontecimentos que prendem o leitor à história. Diante desse contexto literário, salientam-se que os aspectos que permeiam a memória são ingredientes para a busca de lembranças do leitor.

Em *Cidades mortas*, obra de Monteiro Lobato, o texto prefacial é um dos elementos paratextuais que tem a função de apresentar o material literário e trazer mais informações ao leitor. De forma conjunta ao prefácio, também estão presentes a contracapa, formada por uma nuvem de palavras que expõe outros títulos de publicações do escritor; as orelhas, compreendendo informações gerais sobre a obra literária; a seção de biografia, com uma breve apresentação do autor e, por fim, a lista de obras literárias adultas de Monteiro Lobato, servindo como uma divulgação e indicação para as próximas leituras. Logo, entende-se que os elementos paratextuais auxiliam no entendimento global do material literário, contribuindo para a aproximação entre leitor e obra literária que será apreciada.

O prefácio de *Cidades mortas* está estruturado pelos principais pontos explorados nos contos de Monteiro Lobato, retomando a decadência da cultura cafeeira. O texto de abertura da obra contribui no diálogo com a memória histórica. Para Costa et al. (2020, p. 67), “[...] a memória é um compartilhamento de lembranças acerca do passado [...]”. Em razão do exposto, destaca-se como o texto literário pode ser associado aos conhecimentos e aos estudos acerca da memória.

O paratexto prefacial investigado tem título próprio ‘Farpas luminosas’, com autoria de Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta, que assinam ao final. Este paratexto está construído por texto e imagens, ilustrando alguns dos pontos tratados na apresentação da obra. A escolha pelo título do prefácio é explicada pelos prefaciadores no último parágrafo: “Para a sua originalidade, registrou-se o jornalista e escritor Lellis Vieira, *Cidades mortas* solta farpas luminosas e deve ser lido e relido, ‘meditado e pensado para nos corrigir de aleijões políticos, de feridas sociais e de defeitos jecas’ [...]” (Camargos & Sacchetta, 2007, p. 16, grifo dos prefaciadores). Observa-se que a definição do título do prefácio desempenha a função de retomar uma declaração, neste caso de Lellis Vieira, que reconhece a obra de Monteiro Lobato em defesa de um cenário social e cultural, permitindo relação com a memória coletiva ao estabelecer críticas à situação do país. Além disso, com base nessa manifestação de Lellis Vieira, destaca-se a faceta do escritor Monteiro Lobato com a produção de um texto literário permeado pela crítica, promovendo reflexões quanto aos conflituosos aspectos socioculturais brasileiros, por conseguinte, afastando-se da faceta preconceituosa atribuída ao autor, em diversos estudos contemporâneos.

Na abertura do texto prefacial, algumas situações de contos são retratadas, como forma de inserir o leitor nos escritos de Monteiro Lobato e trazer à luz memórias da época de estudante do escritor. Os prefaciadores expõem o Brasil diante das circunstâncias propostas pelos contos da obra literária, indicando que “É no Brasil profundo, longe das capitais costeiras, que o escritor busca material para traçar o retrato de corpo inteiro do país descalço, mas genuíno. [...]” (Camargos & Sacchetta, 2007, p. 13). Os contos presentes na antologia são revisitados no texto prefacial, observando as circunstâncias com base no desenvolvimento e nas situações históricas do país permeadas pelo abandono das cidades em razão da decadência da cultura cafeeira. A partir disso, constata-se que o texto de abertura da obra literária é uma ferramenta relevante na materialidade do livro, por mediar e qualificar a leitura.

As mudanças do sistema cultural e econômico do brasileiro estão representadas no texto prefacial, remetendo ao que também é exposto nos contos de Monteiro Lobato. Como ocorre no conto ‘Cidades mortas’, em que a cidade é observada em seu vazio, “[...] O dono está ausente. Mora no Rio, em São Paulo, na Europa. Cafezais extintos. Agregados dispersos [...]” (Lobato, 2007, p. 23). Tanto texto prefacial quanto o conto retratam a situação de abandono das cidades, indicando essas alterações no sistema econômico e cultural das cidades sustentadas pelo âmbito cafeeiro.

Os prefaciadores, por sua vez, valorizam esses aspectos literários e históricos ao articularem essas movimentações da cultura cafeeira com o texto literário e o prefácio da obra. Com isso, a situação social é destacada nos elementos paratextuais desta obra, reforçando a importância da agricultura do café para o desenvolvimento das cidades. Esse fator social e cultural está referenciado no texto de abertura da obra literária:

[...] Depois da onda verde dos cafezais, que migrou rumo a solos mais férteis, os terreiros de pedra ficaram largados, os salões de baile dos palacetes esvaziaram-se, os armazéns fecharam as portas e o teatro da praça emudeceu. Uns poucos vestígios do passado opulento ainda persistem em uma ou outra construção que desafia o tempo e continua em pé [...] (Camargos & Sacchetta, 2007, p. 13).

A partir desse trecho do texto prefacial, nota-se a riqueza cercada pelo café, reconhecendo a sua ascensão e a sua queda como determinantes para a condição de vida de uma população. Esse prestígio está relacionado ao sentido do título da obra *Cidades mortas*, reconhecendo que, ao perder a cultura do café, as cidades ficam sem os fluxos de pessoas e sem circulação monetária, por isso, sendo adjetivada ‘mortas’. Essa relevância também é evidente na narrativa do conto ‘Cidades mortas’, que empresta seu nome para a obra antológica. Além disso, esse é o primeiro conto da antologia, abrindo o conjunto de histórias selecionadas para a obra. Escrito em 1906, este conto registra o declínio das lavouras de café do interior de São Paulo.

O conto ‘Cidades mortas’ é utilizado como base para a construção do paratexto prefacial, servindo de fundamentação para o texto elaborado pelos prefaciadores. No conto de Monteiro Lobato, a personagem principal é a cidade desocupada pelos habitantes. Essa condição deixa “[...] salões vazios, cujos frisos dourados se recobrem da pátina dos anos e cujo estuque, lagarteado de fendas, esboroa à força de goteiras, paira o bafio da morte. [...]” (Lobato, 2007, p. 22).

Os prefaciadores fundamentam o texto de abertura da obra literária nessas imagens proporcionadas pelo conto homônimo: “Avultam em número, nas ruas centrais, casas sem janelas, só portas, três e quatro: antigos armazéns hoje fechados, porque o comércio desertou também. Em certa praça vazia, vestígios vagos de ‘monumento’ de vulto: o antigo teatro [...]” (Lobato, 2007, p. 22, grifo do autor). Acerca do exposto, comprova-se uma articulação entre a elaboração do texto prefacial com as narrativas da obra, por isso, entende-se que os prefaciadores dão consistência ao paratexto, prestigiando um segmento de composição do livro.

Sob esse cenário, os prefaciadores buscam, em situações no conto, uma forma de determinar relação entre a obra e o conto, que possuem o mesmo título. Por intermédio do ponto de vista dos prefaciadores, apontam-se aspectos relacionados à memória coletiva e à intenção de que o leitor se aproxime dos escritos de Monteiro Lobato remetido à época em que era estudante:

[...] ‘Ali tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é pretérito’, lê-se no conto de abertura que Lobato, animado com o sucesso de *Urupês*, resgatou da época de estudante, quando colaborava nos jornaizinhos *O Minarete*, de Pindamonhangaba, e *O Povo*, de Caçapava. [...]. (Camargos & Sacchetta, 2007, p. 13-14, grifo dos prefaciadores).

Por rememorar textos do momento em que era estudante, Monteiro Lobato organiza a obra antológica, referindo-se a um momento histórico em que a cultura do café se expande para outros lugares, gerando a decadência de algumas cidades: “[...] As cidades mortas do Vale do Paraíba viveriam nas trevas do silêncio, da incivilidade, da vida acanhada, da aldeia com suas convenções sociais, da falta de individualismo e de individuação. [...]” (Silva, 2012, p. 73). Diante disso, a memória de uma região ou de uma população, ou seja, a memória coletiva discutida por Halbwachs (2013), está retomada na obra antológica analisada, registrando fatos históricos, por meio dos contos escritos por Monteiro Lobato.

O paratexto do prefácio também retoma comentários de Câmara Cascudo, salientando que, ao escrever os contos, Monteiro Lobato “[...] em lugar de criar histórias, apenas descreve o marasmo que observara durante suas andanças pelo interior [...]” (Camargos & Sacchetta, 2007, p. 14). Nessa perspectiva, o registro histórico é permeado pela descrição vivenciada pelo escritor, trazendo suas memórias individuais para uma situação registrada na história do Brasil e que pode se tornar uma memória coletiva, na medida em que o leitor dialoga com as suas impressões e conhecimentos sobre a mesma época. Além disso, o texto prefacial valoriza aspectos da escrita, fomentando o texto literário com jogo de palavras e figuras de linguagem como a ironia encontrada no fragmento.

De modo semelhante, o conto ‘Cidades mortas’ contempla essa imagem das cidades interioranas: “Umás tantas cidades moribundas arrastam um viver decrépito, gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas dantescas” (Lobato, 2007, p. 21). Em face do exposto, representa-se uma situação comuns a diversas cidades que sofreram a decadência da cultura cafeeira, que podem ser rememoradas pelos leitores de Monteiro Lobato. Dessa forma, tem-se uma aproximação entre História e Literatura, concatenando ficção e realidade.

O texto de abertura de antologia também se utiliza da intertextualidade ao buscar em Macondo, de Gabriel García Márquez, a imagem de cidade e de vilarejos decadentes. Nessa associação, os leitores podem identificar as semelhanças entre as duas obras literárias, evidenciando situações peculiares em que as cidades ficam abandonadas, sem vida e apenas com memórias daqueles que ainda acreditam numa retomada. Essa correlação é ressaltada no texto de abertura da obra de Monteiro Lobato:

[...] Não sobrou sequer um grão da riqueza para germinar o progresso. Distantes dos principais centros urbanos, salpicados de casas-catacumbas e de ruas desertas, eles dão a ideia de que seus habitantes fugiram em êxodo apressado ou foram dizimados por uma peste. O silêncio só é quebrado pelo repicar do sino da igreja, o raspar das enxadas na capina trimestral, o alarido das crianças saindo do Grupo Escolar ou pelo carrinho da Câmara [...] (Camargos & Sacchetta, 2007, p. 15-16).

Diante dessa descrição, o paratexto prefacial antecipa para o leitor, os silêncios presentes nos contos da antologia de Monteiro Lobato, sendo uma colaboração e preparação para os acontecimentos das narrativas. O conto ‘Cidades mortas’ reforça, nas primeiras linhas, essa condição de abandono da cidade: “A quem em nossa terra percorre tais e tais zonas, vivas outrora, hoje mortas, ou em via disso [...]” (Lobato, 2007, p. 21). Assim, o livro favorece a compreensão e a associação entre o contexto social e a vertente literária de modo simultâneo, “[...] Monteiro Lobato recria de forma literária e saudosa fatos e glórias passados quando da produção rural cafeeira. [...]” (Silva, 2012, p. 70). Com isso, o texto literário possibilita imergir no meio histórico, acompanhando o leitor no seu processo de reflexão e construção de sua memória individual.

O texto prefacial tem abrangência ao associar textos literários e estabelecer críticas com o percurso histórico: “A ineficiência da máquina estatal e o desperdício do dinheiro público na burocracia absurda para uns, e generosa para outros, são denunciados com humor cáustico [...]” (Camargos & Sacchetta, 2007, p. 16). Essa passagem remete ao personagem poeta Sizenando Capistrano que se candidata ao cargo de inspetor agrícola no conto ‘O luzeiro agrícola’. Nesse caso, o prefácio tem como meta prestigiar os contos mais significativos da obra literária, com o intuito de valorizar os escritos do autor da antologia vinculando com as predisposições históricas.

A narrativa desse conto denuncia as mazelas vividas nos setores públicos, como a aceitação de um poeta, Sizenando Capistrano, para um cargo não compatível com os interesses do personagem, gerando, ao final,

uma prática de insatisfação. Essa crítica é permeada por ações e situações significadas pela trajetória do inspetor agrícola, indicando que outras pessoas também estão em cargos e posições que não querem estar. Essa circunstância é confirmada na narrativa do conto, “[...] A diferença está em que no Estado, em vez de tachas de ouro, pregam-se Capistranos vivos” (Lobato, 2007, p. 134). Assim, o conto e o texto prefacial têm o propósito de levar o leitor para os pontos mais expressivos da obra literária.

A Literatura está diretamente relacionada a situações contempladas pela História. Essa perspectiva é relatada no conto ‘O luzeiro agrícola’, mencionado no texto prefacial, ao reforçar o desperdício do dinheiro público em burocracias que são desprezadas:

Então? Que queria que eu fizesse de cinco mil exemplares de um relatório sobre a Beldroega? Que o pusesse à venda? Ninguém o compraria. Que o distribuisse grátis? Ninguém o aceitaria. Se é assim, se sempre foi assim, se sempre será assim com todas as publicações deste Ministério, o mais prático é passar a edição diretamente da tipografia ao forno (Lobato, 2007, p. 137).

Essa atitude pode estar na memória no leitor ao pensar em diferentes contextos vividos no passado ou na atualidade, buscando registros de memórias. Esse conto retrata que Sizenando Capistrano havia passado em torno de dois anos construindo o tal relatório que é incinerado, perdendo qualquer funcionalidade ou propósito e também evidenciando o desperdício de verbas públicas. Por conseguinte, diante de tal encaminhamento, o desprezo pelo material produzido gera insatisfação e desgosto no personagem, incidindo em outra mazela social que é a falta de perspectivas para o serviço público. Esse esmorecimento é marcado na narrativa: “Viu com dor de alma as chamas do Forno lerem aquele relatório tão bem-acabado, tão de encher o olho... E sacou seis meses de licença com vencimentos para descansar” (Lobato, 2007, p. 138).

Os prefaciadores utilizam o texto de apresentação da obra para destacar a irreverência, o imprevisto e a sátira dos escritos de Monteiro Lobato, mesmo diante de dramas humanos, que ainda podem ser considerados contemporâneos. Camargos e Sacchetta (2007), os prefaciadores da antologia, mencionam uma resenha publicada no jornal uruguaio *Treinta y Tres*, constatando que a obra *Cidades mortas* ultrapassa as barreiras geográficas do Brasil. Nesse âmbito, a antologia é recebida por diferentes espaços e culturas, marcando a história literária brasileira.

Diante da análise do prefácio da obra de Monteiro Lobato, compreende-se que o paratexto prefacial é uma estratégia favorável à proposta de leitura do livro ao unir a Literatura e a História, pelo viés da memória, oportunizando que o leitor recupere sua memória individual e faça associações com o contexto literário, de modo a viver uma experiência estética. Desse modo, a leitura de uma obra pode ser explorada de forma interdisciplinar, considerando os aspectos literários e históricos, e contemplando todos os aparatos de construção, incluindo os elementos de composição paratextuais.

Considerações finais

A obra literária é campo fecundo para distintas análises, permitindo investigações acerca do autor, da obra, do contexto representado, da materialidade, da inserção no ambiente escolar, das ferramentas de aprendizagem, entre outras possibilidades. Em razão dessa abrangência, constata-se que o texto literário é fonte de retomada da memória individual, por meio do leitor, e coletiva, uma vez que atende amplos conhecimentos históricos. Nesse caso, as informações e as formas de abordar os elementos paratextuais auxiliam quanto à reflexão das circunstâncias retratadas nos contos de Monteiro Lobato.

Com base na obra literária, seleciona-se o paratexto prefacial como recurso para a análise do viés da memória, entendendo que o texto de abertura da obra antológica antecipa os pontos mais relevantes, prestigiando os escritos de Monteiro Lobato. Nesse sentido, o objetivo proposto para o presente estudo é alcançado, sendo que o prefácio da antologia *Cidades mortas* é analisado integralmente, discutindo os elementos que remetem à memória coletiva e associando aos contos que são referidos no texto prefacial. Por meio dessa investigação, rememora-se a situação da cultura cafeeira em decadência no interior de São Paulo, deixando a cidade esvaziada, ou seja, morta, trazendo prejuízos aos seus habitantes.

Por intermédio desta análise, pode-se inferir que o texto prefacial prepara o leitor para a leitura da obra literária, com informações escolhidas pelos prefaciadores, responsáveis por articular e aproximar o leitor das temáticas abordadas na antologia. Essa antecipação contribui para que o leitor ingresse na obra com propriedade, retomando conhecimentos acerca da circunstância presente nas narrativas exploradas pelos contos. Desse modo, a memória individual é realçada por esse paratexto, valorizando conhecimentos prévios

do leitor. Com as indicações e o posicionamento dos prefaciadores agregados ao texto literário pela experiência e vivência do autor, constata-se uma memória coletiva efetivada pelo leitor.

A abertura da obra literária é estabelecida pelo texto prefacial, considerado relevante por incentivar a leitura e prestigiar a obra como um todo. Esse paratexto contribui para a materialidade da composição do livro, trazendo luz para os argumentos e reflexões dos prefaciadores, que são sujeitos mediadores da leitura. Nesse caso, o texto prefacial atende como um recorte do que há de significativo na antologia, configurando uma leitura pré-selecionada pelos prefaciadores.

Diante disso, observa-se o destaque na retomada de situações políticas e econômicas voltada ao sistema cafeeiro; a intertextualidade com outra ‘cidade morta’, Macondo, de Gabriel García Márquez; referências direta aos dois contos ‘Cidades mortas’ e ‘O luzeiro agrícola’ como uma forma de criticar o sistema político brasileiro; a projeção da antologia no Uruguai com resenha publicada no jornal desse país. Esses apontamentos realizados pelos prefaciadores qualificam a leitura da obra antológica de Monteiro Lobato, situando o leitor em aspectos e temáticas relevantes para a interação com a obra literária e, por conseguinte, com o contexto histórico.

A partir dos pontos abordados neste artigo, considera-se que as obras literárias, por meio de investigação do paratexto prefacial, valorizando a consistência da materialidade do livro literário, podem alcançar aspectos e características que permeiam a memória e atingem situações históricas. O presente estudo aponta que ao trabalhar com a memória individual, já existente no leitor, nos prefaciadores e também no escritor, o texto prefacial reúne informações de modo a tornar-se uma memória coletiva, unindo e explorando o que cada um tem a contribuir. Por fim, salienta-se que o favorecido é o receptor das informações, que, nesse caso, é o leitor da obra literária.

Diante disso, por meio deste estudo, o paratexto prefacial é constatado como um recurso de aproximação entre o leitor e os próprios conhecimentos, que são permeados por suas lembranças e memórias. O prefácio realiza a abertura da obra literária considerando o autor, Monteiro Lobato, e o seu material literário, conduzindo o leitor para um cenário social, político e histórico vivido pelo Brasil em detrimento da cultura cafeeira, um momento marcante que retrata a decadência e as mazelas da região. Desse modo, o fator histórico encaminha o leitor para uma memória coletiva tratada por meio da narrativa ficcional de Monteiro Lobato, unindo Literatura e História.

Referências

- Camargos, M., & Sacchetta, V. (2007). Farpas luminosas. In Lobato, M. *Cidades mortas* (2a ed., p. 12-16). São Paulo, SP: Globo Livros.
- Cecchin, A. B., & Arendt, J. C. (2016). Os prefácios de Erico Verissimo: contribuições para a história da leitura da sua obra. *Antares: Letras e Humanidades*, 8(16), 248-261.
- Chartier, R. (2022). Buscando os in-quarto: materialidade do livro e significado do texto. *ArtCultura*, 24(44), 9-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/artc-v24-n44-2022-66574>
- Collaro, A. C. (2000). *Projeto gráfico: teoria e prática da diagramação* (4a ed.). São Paulo, SP: Summus.
- Costa, A. M. F., Rodrigues, J. F., & Nascimento, J. M. (2020). As categorias “Memória” e “Memória da Educação Profissional” nas concepções de Jaques Le Goff, Maurice Halbwachs e Maria Ciavatta. *Revista Temas em Educação*, 29(1). DOI: <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.2359-7003.2020v29n1.51643>
- Darnton, R. (1990). *O beijo de Lamourette*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Genette, G. (2009). *Paratextos editoriais* (Á. Faleiros, Trad.). Cotia, SP: Ateliê Editorial.
- Halbwachs, M. (2013). *A memória coletiva* (B. Sidou, Trad.). São Paulo, SP: Centauro.
- Horellou-Falarge, C., & Segré, M. (2010). *Sociologia da leitura* (M. Gama, Trad.). Cotia, SP: Ateliê Editorial.
- Klug, M., Lima, R., & Lebedeff, T. (2015). Literatura como lugar de memória: uma análise do romance “Satolep”, de Vitor Ramil. *Antares, Letras e Humanidades*, 7(13), 182-198.
- Le Goff, J. (1996). *História e memória*. São Paulo, SP: Unicamp.
- Lobato, M. (2007). *Cidades mortas* (2a ed.). São Paulo, SP: Globo Livros.
- Morais, C. (2020). *Mediação do prefácio em antologias selecionadas pelo PNBE 2013 / Ensino Médio* (Tese de Doutorado). Universidade de Caxias do Sul / Centro Universitário Ritter dos Reis, Caxias do Sul.

- Morais, C., & Ramos, F. B. (2018). Paratextos em antologias de crônicas. *Revista do GEL*, 15(1), 100-114.
DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v15i1.1838>
- Silva, L. M. (2012). Cidades mortas: o rural como sinônimo de atraso e decadência. *Plural*, 19(2), 69-82.
DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2012.74436>